

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP  
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL  
CURSO DE LETRAS/ LÍNGUA PORTUGUESA**

**RITA NOGUEIRA DA SILVA**

**A REPRESENTATIVIDADE DE *LUCÍOLA* DIANTE DA SOCIEDADE BURGUESA**

**PATU**

**2019**

RITA NOGUEIRA DA SILVA

**A REPRESENTATIVIDADE DE *LUCÍOLA* DIANTE DA SOCIEDADE BURGUESA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras, Campus Avançado de Patu (CAP), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito de avaliação para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Karoliny L. de Oliveira

PATU

2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

N778r Nogueira da silva, Rita  
A representatividade de Lucíola diante da sociedade burguesa. / Rita Nogueira da silva. - Campus Avançado de Patu (CAP) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), 2019.  
35p.

Orientador(a): Profa. M<sup>a</sup>. Maria Karoliny Lima de Oliveira.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas). I. Lima de Oliveira, Maria Karoliny. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

RITA NOGUEIRA DA SILVA

**A REPRESENTATIVIDADE DE *LUCÍOLA* DIANTE DA SOCIEDADE BURGUESA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras, Campus Avançado de Patu (CAP), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito de avaliação para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Karoliny L. de Oliveira

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira (Orientadora)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

---

Profa. Ma. Anikele Frutuoso (Examinadora 1)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

---

Prof. Me. Leandro Rodrigues Torres (Examinador 2)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Ao meu esposo Dagmar Luiz Dantas da Silva pela paciência e apoio compartilhados desde o início do curso.

Dedico.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me dado força e persistência para concluir essa etapa da minha vida;

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, seu corpo docente e auxiliares administrativos;

À minha orientadora, Maria Karoliny Lima de Oliveira, por sua dedicação durante todo o processo de produção e conclusão deste trabalho.

Agradeço, especialmente a minha filha, Emilly Vitória que é a luz da minha vida.

Ao me esposo, Dagmar Luiz Dantas da Silva que sempre me incentivou e acreditou na minha capacidade de realizar esse sonho.

*“Como borboletas se alimentam do mel, a mulher do Oriente vive com as gotas  
dessa essência divina”.*

*José de Alencar*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a representação da mulher no romance *Lucíola* de José de Alencar (2000), analisando a construção da personagem Lúcia e sua relação com os costumes da época, procurando discutir como essa construção utiliza a significação feminina e de que maneira abre espaço para uma reflexão em torno do lugar da mulher na sociedade patriarcal evidenciada no contexto histórico em que foi escrito. Por ser um romance urbano, traz pontos de análises importantes sobre a visão da sociedade se configurando em um aspecto relevante ao entendimento do enredo, sobretudo acerca dos valores que se encontravam em voga no século XIX, principalmente no que tange a condição feminina, seus espaços e diálogos no contexto da obra. Ainda nessa perspectiva, tem-se também a intenção de tecer observações acerca da perspectiva do autor em destacar o comportamento feminino, apresentando uma discussão pertinente em torno da condição feminina. Para tanto, será feito um levantamento bibliográfico utilizando autores que trazem para o contexto acadêmico a essência da relação existente entre literatura e sociedade, tais como Todorov (2009), Candido (2011), Compagnon (2009), dentre outros que contribuíram para o entendimento acerca do texto literário e sua funcionalidade social. Ao final, percebe-se que a construção da personagem em análise, traz uma crítica aos ideais machistas presentes na sociedade burguesa ao mesmo tempo que também aponta para um final que emoldura tal prática dado o fim ao qual o enredo consolida.

**Palavras-chave:** Literatura. Mulher. Representação. Sociedade. Lucíola.



## ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the presentation of women in the novel *Lucíola* by José de Alencar (2000), analyzing the construction of the character Lúcia and her relationship with the custom of the time, trying to discuss how this construction uses the feminine theme and which way opens space for a reflection on the place of women in patriarchal society evidenced in the historical context in which it was written. As it is a urban novel, it brings important points of analysis about the vision of society that is relevant to the understanding of the plot, especially about the values that were in vogue in the nineteenth century, especially regarding the feminine condition, the spaces and dialogues in the context of the work. Also in this perspective, it is also intended to make observations about the author's perspective to highlight female behavior, presenting a pertinent discussion around the female condition. To this end, a bibliographic survey will be made using authors who bring to the academic context the essence of the relationship between literature and society, such as Todorov (2009), Candido (2011), Compagnon (2009), among others who contributed to the understanding about the literary text and its social functionality. At the end, it is clear that the construction of the character under analysis brings a criticism of the macho ideal present in bourgeois society while also pointing to an end that frames such practice given the end to which the plot consolidates.

**KeyWords:** Literature. Woman. Representation. Society. *Lucíola*.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. A LITERATURA E SEU PAPEL SOCIAL</b> .....	14
1.1 Discussões sobre a literatura e seus aspectos sociais.....	14
1.2 A crítica social utilizada nos romances e costumes de época: a cosmovisão do autor.....	17
<b>2 A MULHER NOS ROMANCES DE ÉPOCA: UMA REFLEXÃO EM TORNO DO FEMININO NA LITERATURA DO SÉCULO XIX</b> .....	22
2.1 A mulher e a sociedade burguesa.....	22
2.2 O personagem no Romance.....	24
2.3 A construção de personagens femininos na visão da sociedade burguesa.....	25
<b>3 A REPRESENTATIVIDADE FEMININA DE <i>LUCÍOLA</i> EM MEIO À SOCIEDADE DA ÉPOCA</b> .....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	34
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	35

## INTRODUÇÃO

A literatura enquanto arte, possibilita várias visões da realidade na medida em que apresenta em seu contexto, vivências nítidas da sociedade, servindo como espaço de discussão e reflexões pertinentes ao entendimento do comportamento humano.

Diante desse aspecto, é possível entender que várias questões se colocam no texto literário como um norte, capaz de suscitar a problematização necessária a determinados momentos históricos, destacando assim a relevância da relação existente entre a literatura e a sociedade.

Para Candido (2011) a origem das obras literárias não surge ao acaso, se tratam de eventos de ordem sociológica, remetendo a contextos sociais e ideológicos bem definidos, razão pela qual torna-se necessário entender as relações possíveis entre o texto literário e o contexto em que foi escrito, procurando perceber a intencionalidade do autor e seu posicionamento social. Fator que enriquece a relevância da literatura enquanto lugar de discurso e de crítica social.

Partindo desse entendimento, o presente estudo tem como objetivo principal, analisar acerca da construção do papel feminino na obra *Lucíola*(1957) de José de Alencar, percebendo a representação da mulher a partir da cortesã Lúcia e sua realidade social, procurando entender, através da narrativa, como o autor tece uma crítica social aos costumes de época e sobretudo como constrói o perfil da personagem em estudo.

Lúcia é apresentada como uma cortesã, uma mulher determinada, sabendo desde cedo o que quer e espera de suas vivências. Apaixona-se por Paulo, um jovem do interior e recém-chegado ao Rio de Janeiro e transfigura-se, passa por uma mudança psicológica e social significativa ao tornar-se submissa ao seu amado. O casal sofre com as críticas da sociedade burguesa, pois por não seguirem os ideais exigidos pela sociedade não podem se casar.

Esse contexto é essencial para a pesquisa porque revela uma crítica relativa ao contexto vivenciado pelas mulheres no período do Romantismo, ao passo que apresenta as rígidas regras de conduta impostas à mulher da época, aspecto que necessita ser analisado de forma pontual, ao procurar perceber como tais limitações

atravessaram o tempo e até hoje se fazem presentes, ainda que corporificados em outras práticas, às mulheres.

Nesse sentido, é possível entender, por meio de análise da personagem Lúcia, que as questões colocadas no texto em relação ao comportamento feminino, ensejam ampliar a discussão acerca da condição feminina da época sendo uma realidade que contribui, no texto, para descortinar uma discussão em torno da figura da mulher da época, que ambientes e comportamentos estavam em uso e como tais elementos põe à mostra uma vulnerabilidade moral cercada de imposições.

Publicado em 1862, o romance *Lucíola* (1957) inaugura a tentativa do escritor de trazer a figura da cortesã na literatura em um contexto completamente urbano e que destaca muito bem uma crítica social contundente capaz de evidenciar questões de ordem social e política, a possibilidade de discussão acerca da representação da mulher na sociedade burguesa oitocentista.

No primeiro capítulo, será abordada a questão da literatura e o seu papel social, procurando discutir as aproximações pertinentes entre o texto literário e a sociedade, como se mantém e de que forma atuam para proporcionar uma reflexão necessária em torno das múltiplas visões possíveis ao entendimento social.

Nesse sentido, também se procura discutir acerca das intencionalidades do autor, como se dão e que elementos trazem para construir uma crítica de costumes necessárias ao tempo social em que a obra foi escrita.

No segundo capítulo, é apresentada uma discussão em torno da mulher na literatura, o que leva ao entendimento de como se dá a construção das personagens, que elementos encerram uma personificação marcante e que discursos essas mulheres trazem para construir formas de resistência e identidade.

É nesse contexto, que também procurou-se apresentar, nesse espaço de reflexão, um diálogo sobre a mulher e a sociedade burguesa, buscando entender como a sociedade da época via a mulher e que espaços reservava a ela.

O terceiro e último capítulo, traz a análise da obra, fazendo uma relação com a sociedade burguesa do século XIX, apresentando elementos que possam respaldar uma reflexão pertinente sobre a postura da mulher dessa época e a personagem Lúcia, procurando entender a presença social feminina descrita no texto.

É um trabalho que traz como percurso metodológico pesquisa qualitativa realizada através da consulta bibliográfica, procurando dialogar de forma

permanente com a obra analisada, reforçando os entendimentos através da leitura de autores que tratam da temática feminina, trazendo uma abordagem de crítica feminista.

Nesse sentido, o presente estudo se torna necessário, pois efetiva e amplifica uma discussão contemporânea sobre o espaço da mulher na sociedade, partindo da historicidade da obra bem como da construção da personagem Lúcia evidenciando a significação do lugar social feminino como essencial ao desenvolvimento da sociedade.

Para tanto, desenvolveremos nossas discussões à luz das teorias de Candido (2011), Compagnon (2009), Todorov (2009), Brait (1985), entre outros que nos auxiliaram com discussões acerca da relação entre literatura e meio social, bem como de como se estabelece a construção da personagem na obra em análise.

## 1 A LITERATURA E SEU PAPEL SOCIAL

### 1.1 Discussões sobre a literatura e seus aspectos sociais

A literatura, enquanto espaço de discurso diverso, reúne um enorme construto de dilemas, sentimentos e expressões que asseveram múltiplos olhares sociais, sobretudo porque o texto literário é essencial para a formação do indivíduo na medida em que ajuda a construir a autoconsciência humana. O texto literário pode ser associado aos percursos históricos na forma de explanação social, contribuindo para que o pensamento humano consiga situar-se nos contextos sociais e assim, possa ser possível ao sujeito leitor, tomar parte de toda consciência coletiva a qual pertence. De acordo com Zilberman 1990, p. 19)

(...) o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências (...) o texto artístico talvez não ensine nada, nem se pretenda a isso; mas seu consumo induz a algumas práticas socializantes que, estimuladas, mostram-se democráticas, porque igualitárias (ZILBERMAN, 1990, p. 19).

Nesse sentido, é preciso perceber a literatura como um importante lugar social de fala uma vez que ao texto são dadas diferentes conotações tanto por quem escreve quanto por quem o lê, razão que ajuda a consolidar o entendimento de que o pensamento humano não é estanque, ele acontece por um sistema descontínuo e múltiplo que se entrelaça de acordo com vivências e situações.

Diante desse aspecto, a literatura enquanto arte, não surge no acaso, parte de contextos bem definidos e segue linhas sociais muito precisas quando se coloca como espaço de indagação ao representar vivências variadas. Dessa forma, torna-se possível dizer que a arte é social, pois sofre ação do meio e exerce influência sobre ele, contribuindo com oportunidades diversas de apreensão e questionamentos para a leitura. Sobre esse aspecto, Candido apresenta a seguinte ideia:

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (CANDIDO, 2011, p. 20).

No texto literário, são colocados valores ideológicos vigentes que o escritor não escolhe ao acaso, antes, são frutos de observações que o inquietam e por esse

motivo, a literatura se constrói através desse diálogo realidade/ficção emprestando a última um sentido próprio que a fará capaz de dialogar com o leitor mais comprometido com a realidade a qual faz parte.

A esse respeito, Yunes e Pondé (1988, p. 10) afirmam que “um dos papéis da arte na vida social hoje é a formação do novo homem, uma nova sociedade, uma nova realidade histórica, uma nova visão do mundo”. Nesse sentido, é um pensamento que consolida a obra literária como um objeto social preciso aos dias atuais.

Nessa mesma direção, Candido (2011) observa a literatura como arte que desempenha o papel de instituição social ao utilizar a linguagem como meio específico de comunicação sendo ela mesma uma criação social. É preciso perceber que o conteúdo das obras traz sempre um cunho social, mesmo em textos menos complexos. O ato da escrita literária é carregado de significações e como tal, favorece a expansão de contextos sociais que fazem da literatura um instrumento poderoso de mobilização social.

De acordo com Silva (2006, p 21) a leitura do texto literário “pode se constituir num fator de liberdade e transformação dos homens”. Nessa perspectiva, compreende-se que a função social da literatura é facilitar ao homem compreender e emancipar-se de dogmas que a sociedade lhe impõe, estabelecendo um diálogo capaz de consolidar discursos libertadores. Fato que não se dá de forma aleatória, requer do leitor a disposição para ir além da superfície do que lê e principalmente, coragem para questionar e refletir.

Sobre esse aspecto, Silva (2006, p. 22-23) destaca que “a leitura, se levada a efeito crítica e reflexivamente, levanta-se como trabalho de combate à alienação, capaz de facilitar ao gênero humano a valorização de sua plenitude”. É uma percepção muito clara da relevância que a literatura tem sobre a formação social principalmente porque sua função social deve estar centrada em ampliar espaços discursivos e os questionamentos possíveis.

Há, dessa forma, uma tarefa socializante no texto literário, sobretudo por ser um lugar onde vários discursos se entrecruzam, formalizando assim, as bases para reflexões que apontam para questionamentos sociais em que o indivíduo é imponderado ao tomar contato com textos que o levam a ir além da linguagem comum, evidenciando assim o engrandecimento da personalidade.

Sobre essas possibilidades, Compagnon (2009, p. 36) discute que o texto literário tem o poder de instruir deleitando, além de combater a fragmentação da experiência e a possibilidade de ir além dos limites da linguagem rasa, evidenciando assim que a literatura “dota o homem moderno de uma visão que o leva para além das restrições da vida cotidiana”.

Todo leitor carrega consigo marcas de sua vivência e esse fato é o que converge para a garantia de valor da literatura no contexto social, sobretudo porque ao tomar contato com determinados textos, o sujeito inicia um processo de acúmulo de informações, saberes e experiências, aspectos que ele toma para si e assimila com sua visão de mundo numa atividade comparativa e construtiva que não pode ser negligenciada. Entender como essas relações de sentido se dão é um elemento primordial para o entendimento acerca da relevância social que a literatura tem na atualidade.

Larrosa (2000) afirma que a função da literatura na contemporaneidade, se situa em questionar as convenções e a linguagem fossilizada que são impostas sem nenhuma reflexão. Na verdade, a sociedade se encontra cada vez mais dispersa, dada as circunstâncias tecnológicas, e essa pluralidade de discursos deve ser capaz de oportunizar aos sujeitos, a percepção de seu lugar enquanto cidadãos, razão que pode recair no abismo das falácias quando a esses indivíduos não são dadas fontes confiáveis de informação, quando não têm a oportunidade de se perceberem enquanto agentes sociais.

É dentro dessa realidade que a literatura colabora para a mediação social, de maneira que os textos, seus enredos e ambientações, as construções narrativas e suas essências definidas, são aspectos que servem ao propósito de esclarecer o leitor sobre os vários lugares de fala possíveis. É através dessa leitura que aos leitores é dado o direito de visitar contextos necessários ao entendimento sobre a vida e o mundo, percebendo, através do texto literário, como é possível questionar a realidade imposta. É um papel de suma importância, o qual coloca a literatura como um espaço necessário de formação. Nessa mesma direção Todorov 2009, explica que:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de



tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir, mas para isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário. (TODOROV, 2009, p. 76).

Dessa forma, é possível entender que o papel da literatura se concentra em protagonizar a formação do sujeito ao permitir a extração de situações históricas, políticas, sociais dentre outras nela representada. É uma função nobre, que necessita encontrar espaços de formalização, no sentido em que a sala de aula se constitui em um lugar primordial para o contato leitor/texto literário, criando diálogos permanentes e essenciais de discussão e reflexão.

Os contextos sociais reproduzidos no texto literário são lugares imprescindíveis de discussão uma vez que não são criados por acaso e terminam por refletir os anseios da sociedade podendo também e quase comumente ser um lugar de crítica político-social utilizado pelo autor como acesso a múltiplos olhares.

A formulação de uma obra literária traz dimensões sociais evidentes cuja indicação faz parte de um cuidadoso estudo histórico e crítico feito pelo autor: referências a lugares, usos e espaços, manifestações de atitudes de grupo ou de classe, as expressões de conceitos de vida, a denúncia social, dentre outras questões que contribuem para que o leitor tome posição diante do que lhe é apresentado.

É diante desse diálogo que a literatura consolida seu papel social, porque nenhuma leitura se dá sem propósito e tal aspecto leva à percepção de que mesmo que ocorra uma diferença de tempo entre a época da publicação e a época do leitor, sempre haverá as perspectivas de entendimento que servirão para análises políticas, históricas, sociais e culturais, construindo uma relação emancipatória de reflexões. Sobre esse aspecto, Jauss (1994) argumenta que:

(...) A qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil compreensão (JAUSS 1994, p. 7-8).

É esse sentido que corrobora para a relevância do texto literário no que tange à análise social dos fatos. Um olhar crítico sobre o enredo é capaz de seguir tais pistas deixadas pelo autor e ao mesmo tempo desenvolver uma postura pensante em torno do que foi abordado, razão que traz à tona a necessidade de analisar as obras de época na medida em que suas estruturas são carregadas de significações e referências e dão um panorama consistente em torno da evolução social.

Por esse motivo, Candido (2011) salienta a importância da interpretação dialética para superar o caráter mecanicista das leituras dominantes, uma vez que para a crítica dialética, o que for óbvio não tem rendimento analítico. As conexões explicativas se dão justamente no espaço não previsto.

É o que diz Schwarz (2012) ao apontar o espírito crítico como uma realidade possível somente quando se enfrenta o objeto, no caso, a leitura numa reconstrução do processo social a partir da obra e seu estranhamento recusando as aparências evidentes.

Assim, percebe-se que a leitura literária é um processo político-social necessário à formação do sujeito quando proporciona a ele questionar o que está disposto em seu contexto, garantindo as discussões críticas em torno das configurações utilizadas pelo autor, consolidando assim essa dimensão cultural necessária à formação humana.

## **1.2 A crítica social utilizada nos romances e costumes de época: a cosmovisão do autor**

A construção do texto não é uma ação aleatória que se dá no vazio. Há muitas possibilidades de percepções que se fazem presentes desde a escolha do enredo até a caracterização das personagens, o que aponta para o entendimento de que as subjetividades do texto literário são um construto de ideias e pensamentos particulares do autor tencionando objetivos claros, uma vez que, descortinam situações específicas escolhidas para representarem um pensamento e uma particularidade elegida por ele para um dizer que se expande de acordo com as leituras que são feitas.

Dessa forma, as perspectivas de abordagens centradas no texto literário, por não se formarem no acaso, trazem as marcas do autor, reforçando um pensamento

que o singulariza na medida em que tece subjetividades capazes de elencar diferentes reflexões.

As referências utilizadas na construção dos romances de época contribuem para tornar o texto ainda mais rico, deixando pistas que podem e devem levar o leitor a perceber que visão se faz presente no texto.

É dentro desse entendimento que se evidencia a postura política presente nos costumes de época apresentados nos enredos. As leituras desses textos, mesmo que escritos em épocas distintas, auxiliam na construção da memória coletiva sobre as múltiplas situações abordadas. Para Compagnon (2014):

A significação de um texto não esgota nunca as intensões do autor. Quando um texto passa de um contexto histórico ou cultural a outro, novas significações se lhe aderem que nem o autor nem os primeiros leitores haviam previsto. Toda interpretação é contextual, depende de critérios relativos ao contexto onde ela ocorre, sem que seja possível conhecer nem compreender um texto em si mesmo (COMPAGNON, 2014, p. 63).

É nesse sentido, que as marcas colocadas pelo autor se mantêm presentes no texto, apontando para interpretações variadas de acordo com os momentos históricos em que os textos são lidos, trazendo à tona conceitos e especificidades que contribuem para o entendimento sobre vários aspectos políticos, psicológicos, culturais e sociais e seus contrapontos com a realidade.

A distância temporal entre leitor e texto podem servir, entre outras possibilidades, para responder questionamentos pertinentes acerca das mudanças sociais ocorridas com o passar dos tempos, valorando ainda mais o texto literário na perspectiva documental na medida em que contribui para consolidar a reflexão sobre a sociedade, suas estruturas e suas transformações.

Nesse caso, o papel do autor é fundamental no sentido de levantar, através de sua escrita, questionamentos variados sobre a sociedade que descreve em seu enredo, um aspecto presente nas obras de Alencar, principalmente quando tenta descrever os costumes de época, pois ao escolher determinadas situações e contextos sociais ele deixa claro suas intenções e tal aspecto não pode ser descartado dentro das situações de leitura dos romances de época e mesmo que em leituras posteriores à obra sejam evidenciadas outras questões, é preciso entender que o autor colocou no texto os recortes que julgou necessário à

construção do seu sentido e essa ação corrobora para o entendimento de que os romances de época trazem as respostas que o autor quis dar às questões do seu tempo, mas não há nada que impeça outras visões do seu texto na contemporaneidade, até mesmo entendimentos sobre mudanças sociais, de forma que a intensão do autor não se reduz à escrita. Compagnon 2014, afirma que:

A intensão do autor não implica uma consciência de todos os detalhes que a escritura realiza, nem constitui um acontecimento separado que precederia e acompanharia a performance, conforme a dualidade falaciosa do pensamento e da linguagem (...) A intenção não se limita àquilo que o autor se propusera escrever. É antes aquilo que ele queria dizer através das palavras utilizadas e seus projetos, suas motivações, a coerência do texto para uma dada interpretação são, afinal de contas, indicadores dessa intenção (COMPAGNON, 2014, p. 89).

Assim, é possível entender que a presença de elementos de vivências sociais e momentos históricos nos romances escritos em outras épocas, trazem como fundamentos, uma presunção de intencionalidade colocando o autor como alguém que abre uma janela para que possa ser evidenciado àquilo que o inquietou, deixando a discussão sobre o teor dos acontecimentos a cargo do leitor, sendo este, o expectador pretendido de forma que não há leitura literária que não atualize também as significações de uma obra, que não se aproprie dela e até mesmo mude os rumos de seus entendimentos.

É dessa forma que os romances de época trazem uma rede de sentidos e possibilidades de entender essa presunção de intencionalidade porque representam uma construção metódica dos contextos históricos além de relações muito precisas entre os personagens e suas vivências dentro do contexto político-cultural que o autor resolve colocar no seu texto, principalmente a crítica social configurada muitas vezes no desenrolar do enredo, na presença de elementos cruciais para o entendimento da obra, como diálogos, expressões e comportamentos que favorecem a consolidação de questionamentos e até mesmo de reflexões políticas, como a presença da mulher e seus lugares de fala.

De fato, a visão do autor é quem apresenta esses primeiros contatos com a sociedade de sua época e mesmo carregado de subjetividades, o texto literário pode representar um espaço crítico por trazer os contextos que podem ser explorados

para além da fala que é colocada no enredo, contribuindo para uma análise mais aprofundada do perfil da sociedade construído no texto.

O romance urbano traz muito bem-dispostos esses elementos porque aborda características marcantes das mudanças sócio comportamentais que foram ocorrendo com o passar dos séculos, sobretudo o século XIX, marcado por mudanças e transformações significativas nas estruturas sociais e econômicas, afetando o mundo todo. As descobertas científicas, o desenvolvimento de ideias filosóficas, políticas e até mesmo sociais saídas da Europa, chegaram a lugares cada vez mais distantes, reorganizando estruturas sociais e consolidando um modelo histórico-cultural que se fez muito presente nos romances brasileiros, trazendo para o texto literário criado nesse tempo, possibilidades relevantes de mudança de pensamento na medida que apontava para a reflexão em torno das mudanças sociais, políticas e culturais desse tempo.

Para Rocha (2000) a especificidade da narrativa não remete ao leitor apenas os atributos das personagens, mas muito também da consciência delas, destacando o pensamento ideológico do autor, salvaguardando temáticas que servirão para uma leitura crítica, fator que serve de ponto de partida para um pensamento crítico pretendido pela intencionalidade da escrita quando colocados nos textos, comportamentos, vivências e organizações sociais, antevendo assim um lugar de encontro entre aquilo que o autor quis dizer em sua época e aquilo que o leitor pode refletir no seu tempo.

Assim sendo, é muito comum no romance de época, quando analisados tais elementos de construção do texto, perceber diferentes vozes que falam ao leitor através da própria estrutura do texto, convidando a um olhar mais crítico em torno da sociedade que se coloca em evidência, esperando uma reflexão que possa dar conta do que vai sendo exposto.

Na obra em análise esse aspecto fica evidente nas formas como as personagens aparecem em seus contextos sociais, uma vez que Lúcia, por ser uma mulher que frequenta os salões traz em seu discurso uma voz feminina até então nova para a sociedade leitora da época, apontando para a tentativa do autor em evidenciar uma perspectiva de mulher senhora de si, mas que com o desenrolar dos fatos, culmina voltando para o ideal de mulher burguesa: completamente voltada para o lar.

## 2 A MULHER NOS ROMANCES DE ÉPOCA: UMA REFLEXÃO EM TORNO DO FEMININO NA LITERATURA DO SÉCULO XIX

### 2.1 A mulher e a sociedade burguesa

A escrita literária por vezes foi cercada por temáticas que consolidam vozes tidas como essenciais à conservação do cânone. A afirmação de padrões sociais pré-estabelecidos vai de encontro ao gosto do leitor quando percebida uma literatura voltada a um público leitor específico, sobretudo no que tange ao papel da mulher em tais textos, apontando para a tentativa de resguardar um ideal de submissão e silenciamento.

Sabemos que as personagens femininas, principalmente no transcorrer do século XIX, sofreram transformações que se desdobram em comportamentos resultantes da efervescência político social pela qual o mundo passava. É nesse contexto que o novo modelo de organização social traz para o espaço da literatura uma quebra de paradigma em torno da presença feminina

É essa figura que se faz presente durante muito tempo na literatura, reforçando estereótipos que em nada ajudaram à emancipação da mulher. Somente quando alguns personagens se materializaram como um tipo de confronto ao que foi posto pelo padrão social é que se percebe pequenos avanços em torno da presença feminina na medida em que personagens escolhidas como encarregadas de ampliar as manifestações indenitárias se fizeram mais presentes na literatura brasileira a partir do século XIX, inaugurando um projeto de voz feminina que se seguiu em várias obras desse tempo trazendo vida para o espaço da literatura, um ponto de reflexão social valioso pautado no ideal de feminismo.

Sobre esse ideal, Duarte aponta que:

[...] o “feminismo” poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo. Somente então será possível valorizar os momentos iniciais desta luta – contra os preconceitos mais primários e arraigados – e considerar aquelas mulheres, que se expuseram à incompreensão e à crítica, nossas primeiras e legítimas feministas (DUARTE, 2003, p. 152)

Nesse sentido, vale à pena destacar as formas de referências utilizadas por José de Alencar no que tange à escolha das personagens femininas de suas obras e a forma como as coloca no seu texto. Dessa forma, interessa analisar como se dá essa caracterização que o autor faz em torno da personagem e que projetos de análise leva às temáticas que trazem como centro de debate, o comportamento feminino, sobretudo quando transgrida as normas sociais da época.

De fato, o século XIX foi marcado por transformações político-sociais que se fizeram sentir por toda parte e a literatura não se manteve indiferente. O modelo histórico cultural herdado desse período trouxe consigo a cultura hegemônica e patriarcal que relegava a mulher e outros agentes sociais, como negros e índios, a espaços sempre reduzidos de fala e representação social. A representação que se teve foi marcada pela ideologia burguesa, materializada pelo patriarcado. Nesse caso, coube à literatura, principalmente a brasileira, romper com esse ideário.

É nesse sentido que a presença do romance urbano, inicia um projeto de expansão através da publicação de folhetins tendo como estrutura, textos fatiados publicados em jornais. O que importa entender a partir desse fato é que grande parte do público leitor desses textos é feminino e esse aspecto contribui para o entendimento acerca da maneira como a presença feminina se consolidou nos romances desse período. De acordo com Moraes (2006).

Se na primeira metade do século XIX a mulher quase não saía de casa, a não ser para ir à missa, gradativamente ganhava espaço, na segunda metade desse século. A mulher seria então, o público a conquistar. O público que emergia na sociedade (MORAIS, 2006, p. 179).

Esse contexto é essencial para o entendimento acerca da presença feminina nos romances desse período. Sobretudo porque se inicia a tentativa de representação da mulher a partir dessa literatura de folhetim, sacralizada no romance urbano. São leituras que buscam construir uma figura de mulher condizente com o projeto de mulher burguesa no qual essas figuras são idealizadas como modelos a serem seguidos e pretendidos.

Soares (2010, p. 196) relata que os textos da segunda metade do século XIX “representavam as mulheres urbanas de boa sociedade de maneira idealizada e forjavam uma realidade fictícia, instruindo as leitoras mediante modelos exemplares”. Essa afirmação leva à percepção de que há, nos romances do século XIX, um padrão de mulher eleito para orientar a mulher burguesa, o que também deixa claro

o silenciamento de todas as figuras femininas que não estavam sob a égide desse pensamento burguês.

É assim que a caracterização das personagens femininas dessa época traz um tom moralizante ao destacar a submissão dessa mulher urbana, pronta para servir ao marido, um típico retrato da sociedade que então se consolidava.

## **2.2 O personagem no Romance**

O romance entendido como um espaço plural com perspectivas sociais diversas, oportuniza uma representação de linguagens que tende a aproximar o leitor do ambiente narrativo e assim estabelecer conexões de sentidos e vivências. Por essa razão, a construção da personagem torna-se uma ação primordial dentro do contexto narrativo, uma vez que é ela quem se constitui em elemento de identificação com o leitor, contribuindo para que este seja capaz de realizar análises sociais mais específicas o que favorece a percepção do texto literário como um ambiente de reflexão acerca das transformações pelas quais a sociedade passa.

Sobre esse aspecto, Brait (2006) coloca que:

A construção de personagens obedece a determinadas leis, cujas pistas só o texto pode fornecer. Se nos dispusermos a verificar o processo de construção de personagens de um determinado texto e, posteriormente, por comparação, chegarmos às linhas mestras que deflagram esse processo no conjunto da obra do autor (...) temos que ter em mente que essa apreensão é ditada pelos instrumentos fornecidos pela análise (BRAIT, 2006, p. 68).

Dessa forma, perceber como a personagem é construída, favorece a possibilidade de entendimentos sobre os aspectos sociais que tencionaram a proposição da obra. É um processo que se completa graças ao entrelaçamento entre todos os elementos da narrativa, construindo assim um imbricado conjunto de sentidos em que a personagem congrega boa parte das significações.

Nesse sentido, torna-se pertinente afirmar que a construção da personagem se constitui em um momento de grande responsabilidade para o autor, sobretudo porque trata-se de dar voz a um ser fictício dentro de uma perspectiva do real. Através de recursos de caracterização que possam ocasionar essa aproximação essa construção leva em conta a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do



leitor, pelos mecanismos de identificação, projeções, transferências dentre outros aspectos que concorrem para dar sentido ao Romance (CANDIDO, 2003).

De fato, essa identificação realizada pelo leitor e pretendida pelo autor no romance é o resultado de uma complexa eleição de características que contribuem para endossar a relação ficção/realidade, corroborando para a coerência do que será lido e absolvido. Não se trata de um construto à parte, é antes de tudo um exercício contínuo de transformação e (re)significação sociológica, cultural e psicológica.

Candido (2003), diz que:

No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem, mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva de sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. daí ser ela relativamente mais lógica, mais fixa do que nós. E isto não quer dizer que seja menos profunda, mas que a sua profundidade é um universo cujos dados estão todos à mostra, foram pré-estabelecidos pelo seu criador, que os selecionou e limitou em busca de lógica (CANDIDO, 2003, p. 59).

Essa afirmativa contribui para o entendimento de que a personagem Lucíola atua no romance como um elo coeso. É um elemento narrativo carregado de significações, as quais não se deram de forma aleatória, se configurando assim como o resultado de um momento criativo intencional com a função de ocasionar múltiplas ações dentro e fora do contexto narrativo, materializando assim o sentido social da literatura.

### **2.3 A construção de personagens femininas na visão de uma sociedade burguesa**

O início do século XIX foi um momento onde o pensamento social tomou grandes direcionamentos, consolidando sobretudo um padrão de comportamento que apontou para a sacralização do regime patriarcal, relegando a mulher aos espaços domésticos e à maternidade somente.

Tal aspecto teve como suporte, a ascensão do capitalismo, consolidado pela burguesia, a qual ditava as regras sociais, reforçando os pensamentos machistas, os quais apontavam para a ideia primordial do ideal de mulher pura e educada para o lar sob uma condição de submissão que em muito prejudicou o entendimento em

torno da relevância da mulher para os cenários políticos, e sociais que iam sendo moldados.

Sobre esse aspecto, Andrade (2013), diz que:

As conexões entre a família do século XIX e a sociedade burguesa permanecem obscuras: de um lado uma sociedade com uma economia baseada na livre iniciativa individual e igualdade de direitos e de outro uma aristocracia patriarcal e hierárquica de dependência pessoal (pai guardião, guia e juiz) e, abaixo dele, o bom anjo da casa, a mãe, esposa e amante, que devia alimentar, vestir e agradar a todos, além de manter tudo em ordem (ANDRADE, 2013, p. 66).

De fato, a sociedade burguesa preconizou uma visão não igualitária entre os sexos, baseado em estereótipos e preconceitos que deram ao homem o direito de progredir político e economicamente em um ambiente industrial e científico que então se fortalecia através do período das luzes, trazendo novidades tecnológicas que serviram para ampliar as perspectivas de sucesso aos que se aventuravam pelo decorrer das mudanças sociais da época, fato que não pode ser aproveitado pelas mulheres.

Tal realidade, se favorável ao homem, não auxiliou de forma satisfatória à emancipação feminina uma vez que no final do século XIX.

Fica evidente que no período do iluminismo, uma característica marcante foi a de pensar a diferença feminina, acentuada pela inferioridade, baseada no direito natural, [...] devido às ideias iluministas, o romantismo favoreceu o desenvolvimento e a expressão do amor em todas as suas formas. Nota-se a discriminação consolidada pelo discurso da mulher frágil, emotiva, amorosa, incapaz, portanto, inferior não permitindo o acesso ao conhecimento dessa condição opressiva (RODRIGUES, 2013, p. 5).

Nesse sentido, a mulher que surgia em meio ao pensamento iluminista burguês não representava nada além do ideal de amor, consagrado na passividade interposta entre a maternidade e submissão ao matrimônio.

Foi dentro desse pensamento, que a representação da mulher na sociedade burguesa foi sendo moldada com o intuito de reforçar tal submissão, seja através das propostas literárias, trazendo como protagonistas mulheres que apresentassem uma postura inteiramente passiva ou até mesmo com uma intensa manifestação de repúdio às mulheres que ousassem quebrar os padrões sociais impostos à época.

Para Pereira & Gillies (2018):

(...) no contexto do século XIX, as mulheres oitocentistas, aqui pensadas de uma maneira ampla, viviam um contexto de dominação, seja de seus gostos, hábitos, costumes etc. De maneira geral, a sociedade oitocentista brasileira vivia sob a bandeira de uma dominação patriarcal; em certa medida, mesmo com as inúmeras conquistas dos movimentos feministas brasileiros, o jugo do patriarcado ainda permeia a sociedade brasileira nos dias atuais. (PEREIRA & GILLIES, 2018, p. 192).

No Brasil, o século XIX trouxe consigo transformações políticas, econômicas e sociais bastante significativas. O Rio de Janeiro, como capital do império, deu novos ares ao país, sobretudo no que tange à valorização das letras. Essa nova estrutura social que se desenhava, consolidou um comportamento burguês que respaldou o início da mudança de pensamento feminino.

A nova mulher surgida dessa configuração social, acompanhou a evolução política e econômica trazendo para seu contexto, hábitos que já não eram tão condizentes com a submissão que outrora salientou sua existência. Sobre esse fato, é importante destacar o que coloca Duarte (2003):

O tipo feminino submisso aos moldes patriarcais começava, entretanto, a ser substituído por outro menos servil e mais mundano. Acordar tarde por ter ido ao teatro ou a algum baile, passar mais tempo a se preocupar com seus trajes e suas lições de piano e francês começam a ser práticas comuns entre as mulheres brasileiras. Até mesmo a devoção religiosa é menor do que antes, tomadas que elas se encontram pelas leituras dos romances de amor e de aventuras (DUARTE, 2003, p. 104).

É nesse novo modelo de vivência que a mulher da sociedade burguesa inicia seu projeto de mudança social. A sua saída de casa para a rua não está centrada, necessariamente ao compromisso religioso de modo que a fé não é mais tão definidora de seu comportamento. O contato com os romances que trazem protagonistas femininas, acende nessa mulher burguesa, novas ideias e desejos e é assim que vai se consolidando um novo padrão de instrução na vivência dessa mulher, no qual as aspirações vão cada vez mais além do matrimônio e da maternidade.

É assim que a mulher burguesa aproveita seu ócio lendo e sente seu momento ao se aventurar por outros pensamentos que não seja a casa e o

casamento. As leituras, o contato com o mundo externo, abrem novas possibilidades de vivências que não podem ser desperdiçadas. É nesse período que as extravagâncias extraconjugais se fazem cada vez mais presentes na literatura lida por essa mulher, incitando variadas possibilidades de condutas no imaginário feminino, sendo a principal delas o adultério. De acordo com Andrade (2013).

As causas para o aumento do adultério feminino na pequena burguesia, são: atenuação do controle familiar sobre a filha crescida; ascenso moderado da higiene íntima; prática do tênis; da bicicleta; o hábito de deixar-se acariciar livremente, já que foi liberada a contemplação, exibição e aprendizado erótico do corpo. A nova volúpia conjugal; o auge das práticas anticoncepcionais; a reivindicação do direito da mulher ao prazer; a degradação do modelo da esposa virtuosa; a banalização das condutas masculinas de sedução; a maior possibilidade de discrição, em caso de gravidez; estimularam a transferência do desejo viril para a mulher casada (ANDRADE, 2013, p. 71).

Mas esse comportamento não é a via de regra, não segue uma linearidade, porém a mulher da sociedade burguesa tece a certeza de que há outros mundos além da sua casa e assim, consolida uma curiosidade que lança as sementes de um pensamento que irá representar diferentes possibilidades de representação e afirmação através de um papel questionador de padrões, garantindo assim uma visibilidade que no futuro se tornará um divisor de águas na luta feminista.

Nesse sentido, a construção da personagem torna-se uma ação primordial dentro do contexto narrativo, uma vez que é ela quem se constitui em elemento de identificação com o leitor, contribuindo para que este seja capaz de realizar análises sociais mais específicas o que favorece a percepção do texto literário como um ambiente de reflexão acerca das transformações pelas quais a sociedade passa.

Dessa forma, perceber como a personagem é construída, favorece a possibilidade de entendimentos sobre os aspectos sociais que tencionaram a proposição da obra. É um processo que se completa graças ao entrelaçamento entre todos os elementos da narrativa, construindo assim um imbricado conjunto de sentidos em que a personagem congrega boa parte das significações.

### **3 A representatividade feminina de Lucíola em meio à sociedade da época**

A tradição defendida na época do Romantismo trazia consigo a submissão feminina, traduzida no ideal de mulher como mãe, rainha do lar e passiva às vontades do marido. São elementos que emolduram o pensamento patriarcal por colocarem o homem como chefe da família, protetor e responsável pelo mantimento do lar.

É exatamente no limiar do século XIX que tais preceitos surgem de maneira mais sistematizada, uma vez que, uma das características da sociedade burguesa é a ascensão das pessoas que possuem fortuna, são sujeitos que buscam instrução e a mulher que convive nesse meio é letrada, tem acesso a variados materiais escritos, sendo o romance, o principal difusor de ideias e tradições.

É nesse ambiente efervescente que José de Alencar cria uma narrativa permeada de elementos que contribuem para a confirmação da mulher burguesa como um ser pensante, capaz de tomar as rédeas de sua vida uma vez que, na sua vivência, consegue assumir diferentes papéis tornando-se ao mesmo tempo heroína, por assumir um difícil papel social ao ter que se prostituir, e transgressora da moral da época, o que aponta para o questionamento acerca de como ocorre essa representação.

Essa personagem de nome Maria da Glória, vê-se em apuros ao ter que ajudar a família doente de febre amarela. Sem recursos, torna-se cortesã e tem a oportunidade de arregimentar meios de viver de forma abastarda, dominando seu destino e tendo que enfrentar de forma severa os preconceitos sociais impostos às mulheres que não se enquadram no padrão da época. Ao tornar-se prostituta, adota o nome de Lúcia iniciando assim uma discussão narrativa pertinente ao entendimento das estruturas sociais burguesas do momento em que se passa a narrativa– século XIX. Perspectiva que aponta para a consolidação de um modelo de mulher avesso ao esperado até então, traduzindo um discurso que no entendimento de Del Priori (2004) sinaliza para um enfrentamento de valores necessário à construção de novos discursos.

Dessa forma, é preciso entender que na obra em análise, Alencar (1957), oferece uma representação social das perspectivas femininas da época, mas o faz de maneira cautelosa, uma vez que Maria da Glória se torna Lúcia, mas ao se “enquadrar” novamente no ideal de vida reservado à mulher, aquele que permanece

emoldurado nos cuidados da casa e do marido típico do pensamento burguês, no final da narrativa, reassume seu nome.

Há nesse aspecto, uma tentativa pertinente do autor em recondicionar essa personagem no espaço social que é reservado à mulher burguesa. A presença de um homem em sua vida, Paulo, torna-se um diferencial para o rumo do seu destino. Tal aspecto, reforça o pensamento machista amplamente disseminado no século XIX e traz para o enredo a intensão de resguardar o tom moralizante do contexto social então vivido.

É um pensamento, que segundo Del Priori (2004), está ligado aos valores burgueses, os quais excluem a mulher da vida pública, sendo a rua um espaço essencialmente masculino. É nesse contexto que Lúcia, no transcorrer da narrativa, vai voltando ao seu princípio norteador, a presença de Paulo como o homem ideal, reforça tal aspecto, na medida em que a paixão desenvolvida entre os dois condiciona a personagem em análise a outras posturas que não são as pretendidas por ela no transcorrer da descoberta de seu corpo:

Não sou dos felizes, que conservam a virgindade d'alma, elevam à santa comunhão do casamento a pureza e a castidade das emoções. Bem cedo ainda senti murchar a bonina delicada do coração; e afoguei a minha ignorância nos gozos rapidamente fruídos e brevemente olvidados. Há, porém, na febre dos sentidos uma união íntima da matéria, unissonância de desejos e repercussão instantâneo prazer, que opera a transfusão mística da palavra santa. O homem e a mulher são a posseção mútua uma caro, a carne única, a carne única, onde vivem duas almas que nada veem, porque só veem a si Quando a mulher se desnuda para o prazer, os olhos do amante avistem de um fluido que cega; quando a mulher se desnuda para a arte, a inspiração a transporta a mundos ideais, onde a matéria se depura ao hálito de Deus; quando porém a mulher se desnuda para cevar, mesmo com a vista, a concupiscência de muitos, há nisto uma profanação da beleza e da criatura humana, que não tem nome (ALENCAR, 1957, p. 65).

A personagem em análise é representada como uma mulher de atitude, contrariando o padrão exigido à mulher romântica e burguesa. Sua presença nos salões, evidencia uma tentativa de reafirmar outras possibilidades de atuação por parte das mulheres, legitimada na razão pela qual a personagem se submetia ao padrão de mulher exigido na época: a pretensão de manter sua irmã, Ana, longe da vida difícil à qual levava nesse contexto de prostituição.

Vê-se aí que Lúcia possuía atos valorosos de caráter, não sendo o mal nefasto que contaminaria a decência das mulheres da época que tomassem contato com o enredo. É uma crítica do autor aos padrões burgueses sacralizados na perspectiva da mulher submissa e nos costumes de época.

É possível entender melhor essa crítica à sociedade burguesa, na descrição dos hábitos urbanos, traduzidos na voz da personagem em citar diferentes atores sociais, reafirmando a hierarquização social tão gritante na época:

Todas as raças, desde o caucasiano sem mescla até o africano puro; todas as posições, desde as ilustrações da política, da fortuna ou do talento, até o proletário humilde e desconhecido; todas as profissões, desde o banqueiro até o mendigo, finalmente todos os tipos grotescos da sociedade brasileira, desde a arrogante nulidade até a vil lisonja, desfilaram em face de mim, roçando seda e a casimira pela baeta ou pelo algodão, misturando os perfumes delicados às impuras inalações, o fumo aromático do havana às acres baforadas do cigarro de palha(ALENCAR, 1957, p. 25).

Esse trecho ilustra de forma contundente, as representações sociais da época, apontando para a reflexão em torno da segmentação da sociedade burguesa no Brasil. É uma tentativa do autor de denunciar a hipocrisia reinante na então sociedade brasileira, uma vez que, a voz em *Lucíola* (1957), serve de veículo para tentar desmascarar as reais intenções na sociedade burguesa: o julgamento através da aparência. Sobre esse aspecto, Silva (2014) coloca que:

Aos padrões da burguesia, o modo de vestir-se de Lúcia permite que ela seja aceita pela corte, que possa transitar pelos salões e receber atenções. Esse é um valor simbólico, uma alegoria que mostra mais uma vez o quanto a sociedade age pelas aparências (SILVA, 2014, p. 13).

No contexto da obra em análise, esse aspecto fica evidente na forma como as descrições de trajes, gestos e ambiente são feitos, caracterizando uma vivência que tem o valor agregado aos bens materiais, de forma que Lúcia é reconhecedora desse aspecto e o utiliza como recurso aos seus fins. Justamente, por ser uma mulher bela e rica que frequenta livremente os salões como uma dama da sociedade.

(...) escrever à Gudín que me faça uma dúzia de vestidos os mais ricos; dizer ao caixeiro do Wallerstein que me traga para escolher o que ele tem de melhor em modas chegadasulti

mamente! É verdade, esquecia-me de mandar tomar uma assinatura no teatro lírico, e encomendar uma nova parelha de cavalos. A minha caleça já está usada; preciso trocá-la por uma vitória, e renovar o fardamento dos criados (ALENCAR, 1957, p. 72).

É nesse contexto, que a caracterização de Lúcia reforça os ideais sociais presentes na burguesia ao mesmo tempo em que reforça os estereótipos na medida em que não sendo a mulher recatada e tendo domínio sobre seus passos através de uma situação financeira razoável, Alencar constrói uma imagem que pode favorecer à reafirmação dos preconceitos justamente por ela não ter o comportamento esperado para a mulher burguesa o qual se caracteriza pela submissão.

Esse elemento fica evidente quando, pela narrativa de Paulo, percebe-se a transfiguração da imagem de Lúcia, antes tida como um ideal de nobreza:

Era outra mulher. O rosto cândido e diáfano, que tanto me impressionou à doca claridade da lua, se transformara completamente: tinha agora uns toques ardentes e um fulgor estranho que o iluminava. Os lábios finos e delicados pareciam túmidos dos desejos que incubavam. Havia um abismo de sensualidade nas asas transparentes da narina que tremiam com analito do respiro curto e sibilante, e também nos fogos surdos que incendiavam a pupila negra (ALENCAR, 1957, p. 41).

É um tom de surpresa e indignação uma vez que para Paulo, não há possibilidade de Lúcia ser uma mulher cortesã e ao mesmo tempo doce. Esse pensamento traz embutido toda uma carga preconceituosa que se torna expressa no pensamento machista onde a mulher só estaria reservada o espaço do sentimentalismo e da fragilidade.

Mas tal perspectiva também é contestada na obra, resguardando assim o direito dessa mulher de se impor:

Lúcia não admite que ninguém adquira direitos sobre ela. Façam-lhe as propostas mais brilhantes, sua casa é sua e somente sua, ela o recebe, sempre como hóspede, como dono, nunca. Na ocasião em que o senhor a toma por amante, ela previne-o de que -se plena liberdade de fazer o que quiser e de deixa-lo quando lhe aprouver, sem explicações e sem pretextos, reserva o que sucede invariavelmente antes de seis meses, está entendido do que lhe concede o mesmo direito (ALENCAR, 1957, p. 47).



É com essa postura que a personagem Lúcia se distancia do ideal de mulher presente na sociedade burguesa. A sua presença deve ser marcante e seus desejos não dependem de ninguém. Tal atitude pode ser percebida na forma como ela regula os dias em Paulo deve se fazer presente em sua casa. Esse elemento confere muito mais vivacidade ao fato de haver na obra uma crítica efetiva aos padrões de comportamento feminino esperado pela burguesia.

Ah! Esquecia que uma mulher como eu não se pertence; é uma coisa pública, um carro de praça, que não pode recusar quem chega. Estes objetos, este luxo, que comprei muito caro também, ... nada disto é meu. Se quisesse dá-los roubaria aos meus amantes presentes e futuros; Esqueci que para ter o direito de vender o meu corpo, perdi a liberdade de dá-lo a quem me aprover! O mundo é lógico! Aplaudia-me se eu reduzisse à miséria a família de algum libertino; era justo que pateasse se eu tiver a loucura de arruinar-me, e por um homem pobre! ... enquanto ostentar a impudência da cortesã e fizer timbre da minha infâmia, um homem honesto pode rolar-se nos meus braços sem que a mais leve nódoa manche a sua honra; mas se pedir-lhe que me aceite, se lhe suplicar a esmola de um pouco de afeição, oh! Então o meu contato será como a lepra para a sua dignidade e a sua reputação (ALENCAR, 1957, p. 68).

Porém, é possível perceber que o autor retoma esse ideal de mulher submissa, ao construir na vivência da personagem Lúcia, uma necessidade de mudança comportamental no momento em que ela percebe que a união com Paulo servia sua salvação social, esse apoio masculino na verdade pode ser entendido como uma retomada da perspectiva romântica, cabível à personalidade de uma mulher que vê no matrimônio toda as suas chances de felicidade.

Já a personalidade de Paulo contribui para essa reafirmação das perspectivas burguesas uma vez que passa de rapaz compreensível a um homem reprodutor dos discursos machistas e patriarcais, tolhendo na obra qualquer resquício de emancipação feminina e intensificando os reais objetivos burgueses: acumular riquezas e levar uma vida social aceitável.

O desfecho da narrativa confirma os ideais românticos, na medida em que não é possível ao casal Lúcia e Paulo viver uma vida conjugal aceitável devido aos erros do passado, uma vez que a virgindade era um detalhe essencial ao matrimônio. Lúcia, ciente de sua condição e da sua história se entristece ao ponto de vir a falecer quando sabe que está grávida, não se sentindo digna de gerar um filho, fator que reforça o contexto marcante do romantismo aquele em que os

amores inatingíveis são o espaço ideal utilizado para a moralização social e consolida as ideias conservadoras da sociedade da época, punindo severamente a mulher que ousou se permitir viver livre das amarras sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou analisar a representação da mulher na obra *Lucíola*(1957), através da vivência da personagem Lúcia, assim, foi possível entender que os valores da sociedade burguesa foram preponderantes na formação do ideário de mulher submissa na medida em que a personagem em análise, mesmo tendo uma vida participativa na sociedade por ser uma cortesã, só vai encontrar refúgio social ao se deparar com a figura masculina, caracterizada no personagem Paulo, uma forma sutil que o autor elegeu para sacralizar a rígida manutenção dos valores burgueses, os quais relegavam a figura feminina ao matrimônio e à maternidade.

Por ser um romance urbano, é possível tomar contato com as perspectivas sociais da então sociedade burguesa emergente representada na figura de Paulo, um jovem que vem à capital com sonhos de grandeza e ao se deparar com Lúcia, consolida seu projeto de vida, aí representada como um caminho fácil à obtenção de riqueza.

É importante observar que essa união entre um rapaz interiorano e uma cortesã retrata bem um discurso crítico que o autor tenta fazer para legitimar mais uma vez a tônica patriarcal machista que se propagava com bastante nitidez no século XIX, uma vez que, mesmo sendo uma mulher vivida, Lúcia cede às imposições de Paulo renunciando aos seus caprichos e descortinando a presença marcante das normas de conduta preconceituosas em torno das mulheres.

Dessa forma, a morte de Lúcia torna-se um símbolo irrefutável dessa conduta, pois para a mulher que ousa enfrentar um sistema machista e misógino só restou uma punição severa para estabelecer de forma definitiva o padrão burguês.

É nesse sentido que a representação de Lúcia no romance é restrita a uma dualidade: uma crítica aberta à sociedade burguesa, mas também uma reafirmação papéis sociais os quais em nenhum momento trazem como evidência a emancipação feminina.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Lucíola**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- ANDRADE, Maria C. de Moura. O século XIX: o mundo burguês, o casamento, a nova mulher. In: **Evidência**, Araxá, v. 8, n- 9, p. 63-80, 2013.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BRUNO César Pereira e Ana Maria Rufino GILLIES: Romances urbanos: a representação da mulher na literatura brasileira do século XIX, a partir de uma análise das obras *memórias de um sargento de milícias* (1854) e *senhora* (1875 in:REHR| Dourados, MS | v. 12 | n. 23| p. 187- 209 jan. / jun. 2018.
- CANDIDO, Antonio.**Literatura e Sociedade**: estudos de teoria história-literária. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras: Ouro sobre Azul, 2011
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COMPAGNON, Antonie. **O demônio da teoria**: Literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- DEL PRIORI, Mary. (org) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.
- DUARTE, Aline Cristina de Almeida. **Entre sedas e chitas: a construção das personagens Maria das Hortaliças, Cigana, Maria Regalada e Vidinha da Obra Memórias de um Sargento de Milícias** (1854). **Áquila**, v. 2, n. 12, p. 100-118. Disponível em: <http://ojs.uva.br/index.php?journal=revistaaquila&page=article&op=view&path%5B%5D=269&path%5B%5D=222>. Acesso em: 20 set. 2019.
- JAUSS, H. R. **História da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução: Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- ROCHA, L.C.M. Um novo olhar para o afro-brasileiro: Leitura de Úrsula de Maria Firmina dos Reis in **Desafiando o Cânone. Ecos de Vozes Femininas na Literatura Brasileira do século XIX**. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as Batatas**. São Paulo: Editora 34, 2012
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2006.
- SILVA, Angélica Denise da. **A identidade da personagem feminina: uma leitura de Lucíola, de José de Alencar**. Monografia. Guarabira: Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Nos caminhos da pena de um romancista do século XIX: o Rio de Janeiro de Diva, Lucíola e Senhora. **Rev, Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n. 60, p. 195- 209, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). **Literatura e pedagogia**: Ponto e Contraponto. Série Confrontos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.